Miranda do Douro

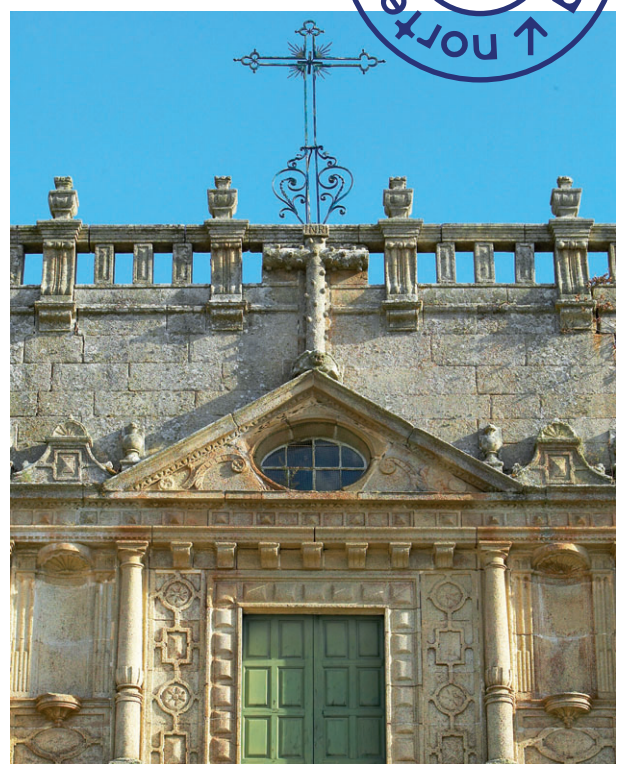
Concatedral de Miranda do Douro

Possante e austera sede de diocese criada por D. João III

património do norte

A massa enorme do templo e o impacto visual da fachada, numa cidade de fronteira tão distante, desde sempre, dos centros de decisão, impressiona e desperta a curiosidade de quem ali chega. As respostas estão no século XVI e no reinado de D. João III, que em 1545 obteve do Papa Paulo III a autorização para criar duas dioceses, em Miranda do Douro e Leiria (cinco anos mais tarde seria fundada outra, em Portalegre, e o mesmo monarca havia antes obtido novas dioceses em Angra (Angra do Heroísmo desde 1837), nos Açores, e em Goa, na Índia – também por aí se percebe que tenha sido cognominado de "O Piedoso").

A referência a tantas dioceses deve-se não só à necessidade de enquadramento histórico, mas também ao facto de tais monumentos (a que se chama "sés joaninas" – não confundir com o barroco joanino do sé-



↑ Concatedral de Miranda do Douro

culo XVIII) serem sinais de um tempo de mudanças na arte e, também, estarem ligados à coincidência temporal com o Concílio de Trento (1545--1563) e a Reforma Católica. Ou seja, se o rei pretendia refazer o mapa das jurisdições eclesiásticas para uma melhor gestão do território (aproveitou as mortes dos bispos de Braga, Coimbra e Guarda, num espaço de cinco anos, para dessas dioceses extrair as três novas), a necessidade de erguer catedrais nas cidades escolhidas surgia num tempo de mudança dos paradigmas artísticos e religiosos. Normalmente descrita tendo por base os elementos maneiristas e barrocos, a catedral mirandesa é também apontada pelos historiadores da Arte como um dos primeiros sinais da arquitetura chã (conceito criado para o caso português pelo norte--americano George Kubler, em 1972), marcada por sobriedade e despojamento, mas também pelo rigor na ponderação matemática dos espaços. Esse período correspondeu à presença de engenheiros/arquitetos militares em projetos civis e religiosos. E entre os homens que proje-

O retábulo-mor, da autoria de Gregório Fernández, e o órgão ibérico dominam as extremidades da igreja

taram então a nova Sé de Miranda do Douro estava Miguel de Arruda, um engenheiro militar português, a par de outros, como Gonçalo de Torralva (irmão do famoso Diogo de Torralva, autor do claustro maneirista do Convento de Cristo, em Tomar), que traçou o projeto original.

O desenho da igreja surge em 1549, tendo as obras arrancado em 1552. Sendo grande o impacto visual da fachada, harmónica e ladeada por duas imponentes torres sineiras, é também a dimensão do interior de três naves, em que as abóbadas nervuradas são uma reminiscência gótica, que mantém a sensação de assombro, em particular se pensarmos que a cidade nunca chegou a ser o grande núcleo

populacional que a condição de cabeça diocesana parecia preconizar. Toda a talha é de alta qualidade, em especial o sumptuoso retábulo da capela-mor, do primeiro quartel do século XVII, ou a que enquadra o órgão ibérico, de 1696, em cuja estrutura há um rosto austero (carranca) a que, ao longo de gerações, as mães mirandesas aludiam nas reprimendas aos seus meninos. Nota ainda para o núcleo museológico em que podem ser vistas várias peças artísticas, com destaque para o "calendário", precioso conjunto de 12 pequenos quadros flamengos, de fins do século XVI, retratando os meses do ano.

Monumento Nacional desde 1910, a Sé mandada erguer por D. João III recebeu o estatuto de Concatedral da diocese de Bragança-Miranda em 1996. Até aí, era igreja paroquial, pois decaiu desde que, em 1764 (definitivamente em 1780), o bispo, fugindo à insegurança da fronteira, se transferiu para Bragança, a partir daí sede diocesana. A nova designação foi uma tentativa de apaziguar as gentes de Miranda do Douro, que ainda hoje sentem a perda de há cerca de 250 anos.

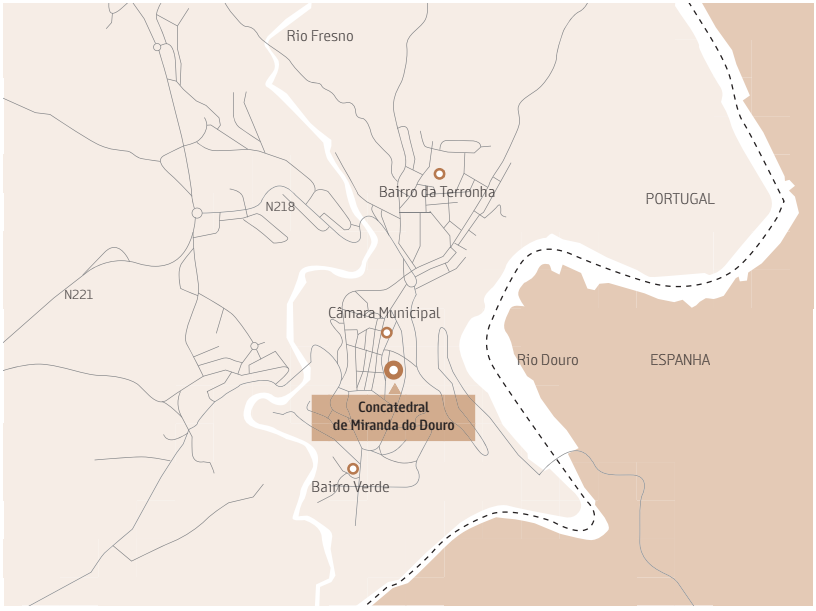
Imagem do Menino Jesus da Cartolinha é do século XVIII, mas o icónico chapéu é posterior

Lenda e culto do Menino Jesus da Cartolinha

O envolvimento de Portugal na Guerra da Sucessão de Espanha (1701-1713) tornava os territórios fronteiriços atreitos a combates. Aí se enquadra o ataque a Miranda do Douro, em 1711, por tropas partidárias dos Bourbons (Portugal apoiava então as pretensões dos Habsburgos). Reza a lenda que, num momento de desânimo por não chegarem reforços, um menino vestido à fidalgo surgiu no alto da muralha, encorajando os mirandeses a combater, sendo visto várias vezes ao longo da refrega e nunca mais aparecendo depois de os espanhóis serem vencidos. Milagre! Só podia ser o Menino Jesus. Dessa lenda surgiu a famosa imagem em que, talvez em finais do século XIX, alguém pôs o chapéu alto que se tornou icónico. O Menino Jesus da Cartolinha, cujas vestes são mudadas, ao longo do ano, em função das cores da liturgia, é alvo de especial devoção, recebendo roupas de toda a ordem, feitas à medida, dos equipamentos de futebol aos uniformes militares.

www.patrimonioanorte.pt

↑ Concatedral de Miranda do Douro



→ Concatedral de Miranda do Douro

www.patrimonioanorte.pt

COFINANCIAMENTO

NORTE 2020
PROGRAMA OPERACIONAL REGIONAL DO NORTE

PORTUGAL 2020

UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

PROMOTOR

REPÚBLICA PORTUGUESA
CULTURA

DRCN CULTURA NORTE

CO-PROMOTORES

Município de Alfândega da Fé

arouca

Braganca
Município

Felgueiras
CÂMARA MUNICIPAL

miranda do douro
câmara municipal

município de TAROUCA